



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA – DFIL  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA**

**SIMONE DE OLIVEIRA BARBOSA**

**A FILOSOFIA OBJETIVISTA DE AYN RAND**

**CAMPINA GRANDE**

**2021**

SIMONE DE OLIVEIRA BARBOSA

**A FILOSOFIA OBJETIVISTA DE AYN RAND**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Simone Marinho Nogueira

**CAMPINA GRANDE**

**2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B238f Barbosa, Simone de Oliveira.

A filosofia objetivista de Ayn Rand [manuscrito] / Simone deOliveira Barbosa. - 2021.

18 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação: Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira, Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Objetivismo. 2. Individualismo. 3. Egoísmo. I. Título

21. ed. CDD 100

SIMONE DE OLIVEIRA BARBOSA

A FILOSOFIA OBJETIVISTA DE AYN RAND

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura plena em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia Ética e Política

Aprovada em: 13/10/2021.

**BANCA EXAMINADORA**

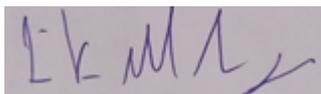
*Maria Simone Marinho Nogueira*

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Simone Marinho Nogueira (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Otacílio Gomes da Silva Neto*

---

Prof. Dr. Otacílio Gomes da Silva Neto  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. Írio Coutinho Abreu Gomes

A toda minha família, pela compreensão e ajuda, DEDICO.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2 UMA BREVE BIOGRAFIA.....</b>	<b>6</b>
<b>3 OBJETIVISMO.....</b>	<b>7</b>
<b>4 A ÉTICA DA VIRTUDE EGOÍSTA .....</b>	<b>8</b>
<b>4.1 Egoísmo .....</b>	<b>9</b>
<b>4.2 Conflitos de interesses.....</b>	<b>11</b>
<b>4.2.1 Realidade .....</b>	<b>11</b>
<b>4.2.2 Contexto.....</b>	<b>11</b>
<b>4.2.3 Responsabilidade.....</b>	<b>12</b>
<b>4.2.4 Esforço.....</b>	<b>12</b>
<b>5 DIREITOS INDIVIDUAIS E UMA SOCIEDADE LIVRE.....</b>	<b>13</b>
<b>5.1 Individualismo .....</b>	<b>13</b>
<b>5.1.1 Direitos Individuais .....</b>	<b>14</b>
<b>5.1.2 Sociedade livre.....</b>	<b>15</b>
<b>6 CONCLUSÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>17</b>

## A FILOSOFIA OBJETIVISTA DE AYN RAND

### THE OBJECTIVE PHILOSOPHY OF AYN RAND

Simone de Oliveira Barbosa\*

#### RESUMO

Este trabalho tem o intuito de apresentar um pouco da vida e da filosofia de Ayn Rand, filósofa e escritora russo-americana. Também com a intenção de dar visibilidade a mais uma mulher nesse lugar tão importante que é a filosofia. Segue que a filósofa Ayn Rand é uma figura paradigmática, com um pensamento que em um contato mais raso desperta curiosidade, mas também rejeição, sentimentos contraditórios que advém, de certa forma, dá 'cultura' acadêmica marxista de não pensar o indivíduo, mas sempre o coletivo, e também de parte da cultura cristã ocidental que entende o homem como um ser dotado de credulidade e responsável pelas vidas uns dos outros. Em contraponto a essas ideias, fica claro que a filósofa entende o mundo e as relações sob a égide do indivíduo como provedor único de sua existência, bem como contempla a vida como fim último e não como meio para outros fins. Traça um código de ética baseado em sua epistemologia objetiva e provoca reflexões sobre o papel do estado nas vidas dos indivíduos que compõem uma sociedade. Nestes termos, será apresentado neste trabalho algumas características que definem a filosofia de Ayn Rand, expondo seu sistema objetivista. O trabalho de pesquisa foi realizado por meio de sua literatura, bem como seus ensaios filosóficos. Assim como foram usados também sites, em sua maioria americanos, comentadores e comentadoras de sua obra.

**Palavras-Chave:** Objetivismo. Individualismo. Egoísmo.

#### ABSTRACT

This work intended to present a bit of the life and philosophy of Ayn Rand, Russian-American philosopher and writer. Also it pretended to give visibility to one more woman in this very important place that is philosophy. It follows that the philosopher Ayn Rand is a paradigmatic figure, with a thought that in a shallower contact arouses curiosity, but also rejection, contradictory feelings that arise, in a way, of a Marxist academic 'culture' of not thinking about the individual but always the collective, and also from a part of Western Christian culture that understands man as a being endowed with credulity and responsible for each other's lives.. On the contrary, it is clear that Ayn Rand understands the world and relationships under the aegis of the individual as the sole provider of their existence, as well as considering life as the ultimate end and not as a means to other ends. It outlines a code of ethics based on its objective epistemology and provokes reflections on the role of the state in the lives of individuals that make up a society. In these terms, this work presents some characteristics that define Ayn Rand's philosophy, exposing her objectivist system. The research work was carried out through her literature, as well as her philosophical essays, articles by the author, also websites, mostly American websites, and commentators.

**Keywords:** Objectivism. Individualism. Selfishness

---

\* Aluna da graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
E-mail: symoneob@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

Neste estudo será apresentado as características gerais do sistema filosófico de Ayn Rand, algumas observações de sua vida na Rússia e como foi sua ida para os Estados Unidos da América. Demonstrar a filosofia de Ayn Rand faz parte também do esforço de visibilizar mulheres que foram importantes na filosofia, contudo, por uma questão estrutural de nossa história são encobertas não só ao longo da história da filosofia, como também, ao longo da história como um todo.

Ayn Rand foi uma filósofa e escritora russa, nascida em 1905 de uma família russo-judaica da classe média. É uma figura emblemática para o cenário da filosofia, inclusive pouco estudada no Brasil, porém bem conhecida academicamente nos Estados Unidos onde fixou morada. Seus romances são cultuados e sua filosofia tem despertado interesse desde muito tempo. Principalmente por liberais que querem a diminuição do estado, mas não somente, suas ideias provocam um pouco de estranheza também pelo fato dela incluir em seus conceitos palavras não muito atraentes por trazerem em si uma carga histórica negativa, como exemplo usar o termo “egoísmo” como virtude.

Bem, neste sentido, a sua preocupação maior é fazer as pessoas pensarem de forma diferente daquilo que está estabelecido como “normal”. Deste modo, põe em questão a moral, a ética, a política e a economia. Assim elaborou um sistema que chamou de Objetivismo, alicerçado na realidade factual da existência humana, tendo a razão como plano de fundo, ou seja, só por ela se pode interpretar a realidade. E é por meio da razão que se dá a manutenção de uma vida sem ficções, esoterismos ou qualquer tipo de abstração que coloque os desejos acima da razão, prejudique o pensamento e instale dúvidas sobre a existência real das coisas. Nesses termos, Rand abdica de parte da tradição filosófica, pois admite como sua “única” inspiração Aristóteles, daí advindo o seu conceito base, a racionalidade e a consequente não-contradição.

A partir disto, ela elabora um “novo código moral”, embasado na premissa do egoísmo racional e apostando no indivíduo como diretor de suas escolhas, buscando os seus próprios interesses para garantir o sentido de sua vida e a autopreservação. Desta forma, Rand combate a moral altruísta e seu desígnio de auto sacrifício, pois acredita que esse comportamento pode levar a humanidade à autodestruição, ao contrário do que sempre foi ensinado. Politicamente ela acreditava que só por meio do aperfeiçoamento do capitalismo fosse possível uma sociedade organizada

Portanto, a pesquisa será realizada tomando por base alguns livros da autora (literários e filosóficos), bem como, comentadores e comentadoras que realizaram profunda análise de seus conteúdos e trazem um arcabouço explicativo do Objetivismo de Ayn Rand, mas também de fontes eletrônicas confiáveis que são dedicadas à filósofa em apreço.

## 2 UMA BREVE BIOGRAFIA

Ayn Rand, nascida com o nome Alissa Zinovyevna Rosenbaum, veio ao mundo em 2 de fevereiro de 1905, em São Petersburgo, Império Russo Czarista. Veio ao mundo em meio a uma época conturbada na Rússia, e que iria moldar a forma como ela conceberia sua filosofia. Era de uma família russo-judaica da classe média, como já dissemos na introdução. No ano do seu nascimento aconteceu o evento conhecido como “Domingo sangrento”, que seria uma passeata pacífica para reivindicar

melhores condições de trabalho e de vida para a população. Mas os trabalhadores foram recebidos a tiros pelos soldados do exército que faziam a guarda do palácio e assim muitos foram mortos.

A partir disto, se desencadeou o crescimento do antissemitismo e muitas divisões políticas que desembocariam na formação da União Soviética. Apesar disto, a vida seguia e na adolescência ela já escrevia romances em meio às intempéries que sua família passava e que serviam de inspiração para suas histórias. Com a ascensão do ideal comunista, os bens de sua família foram confiscados e isso abalou Rand profundamente. Então, foram morar na Criméia, onde ela estudou filosofia e história na Universidade de Petrogrado, graduando-se em 1924. Também entrou para o Instituto Estadual de Cinema para estudar produção de roteiros, neste mesmo ano, pois era apaixonada por filmes e teatro. Mas pela situação política que existia, ela sabia que não teria liberdade de expressão para escrever e divulgar seus livros. Então, nesse ínterim, ela tentava permissão para ir aos Estados Unidos visitar familiares, com o pretexto de uma “breve visita”, mas, na realidade, ela já havia premeditado não voltar mais.

Nos Estados Unidos ela trabalhou no distrito de Hollywood como figurante, roteirista e até figurinista. Enquanto isso, continuava escrevendo seus romances e peças teatrais. O romance que deu relevância literária e alguma popularidade a Rand foi *A nascente* (no original *The Fountainhead*) e em 1957 ela lançou o livro que lhe daria notabilidade como escritora e filósofa *A Revolta de Atlas* (*Atlas Shrugged*). Foi a partir deste lançamento que ela passou a dar palestras e compilar ensaios e artigos em livros com seu sistema filosófico, com a ajuda de amigos interessados em sua filosofia que já vinha sendo divulgada em meio a seus livros literários.

Ayn Rand morreu no dia 6 de março de 1982, em seu apartamento em Nova Iorque, por insuficiência cardíaca congestiva. Os seus livros e sua filosofia foram galgando espaço gradativo na sociedade americana e, no presente, alguns de seus romances tornaram-se best-sellers.

### 3 OBJETIVISMO

O Objetivismo randiano é alicerçado metafisicamente na objetividade da realidade, ou seja, tendo o mundo como real e independente da existência humana, porém, epistemologicamente possível de ser conhecido em sua natureza factual. Para a filósofa, o mundo não é um devaneio, ou o cérebro numa cuba, muito menos produzido pela mente humana, nem uma criação de um ser superior, (apesar disto não retirar a objetividade do mundo), sobrenatural. O mundo que vivenciamos é real, o nosso desafio é compreendê-lo e entendê-lo é uma escolha deliberada.

Existir é ser alguma coisa, em oposição ao nada da não existência. É ser uma entidade de natureza específica dotada de atributos específicos. Há séculos o homem que foi o maior dos filósofos, apesar de seus erros, enunciou a fórmula que define o conceito de existência e a regra de todo conhecimento: A é A. uma coisa é o que é. {...} a Existência é Identidade, a Consciência é Identificação. (RAND, 2017, p. 1058)

Essa premissa demanda a pergunta “se é possível conhecer a realidade, como isso acontece?”, onde a resposta é: pelos sentidos, mas não só isso, também pela razão, lógica, ciência. É pelos sentidos que temos acesso à realidade, e ficamos

cientes do mundo por eles, mas eles não nos revelam de imediato o que as coisas são de fato.

Os estágios para apreensão da realidade são o sensitivo, perceptivo e conceitual. “Uma sensação não diz ao homem o que existe, mas apenas que isso existe” (RAND, 1990, p. 10), isto é, o estágio sensitivo é uma forma direta de estarmos cientes da existência das coisas através do processo de vê-las e tocá-las. Já as percepções são grupos de sensações “retidas e integradas automaticamente pelo cérebro de um organismo vivo” (RAND, 1990, p. 10). Desta forma, o cérebro por meio da razão acolhe os dados bagunçados das percepções, compacta e separa em conceitos, a partir de diferenças e semelhanças, ela (razão) vai arquivando informações e acumulando-as, assim sendo capaz de cada vez mais abstrair com complexidade. Apesar disto, pensar não é uma função automática, é preciso esforço, foco e dedicação. O processo de construção de conceitos acontece através do nosso encontro com a realidade e das experiências que acumulamos no decorrer de nossa existência, a troca que acontece entre a razão e a realidade criam premissas que são confrontadas com as experiências reais até que não haja mais contradições.

Neste resumo, a epistemologia randiana fornece uma ideia de como a filósofa entendia a natureza da realidade. Se segue que, é preciso ter clareza ao conhecer o mundo e seu funcionamento, investigação, foco, interesse pelo conhecimento das coisas. Só assim é possível criar caminhos com princípios morais que construam de forma objetiva e racional uma existência próspera e agradável.

#### 4 A ÉTICA DA VIRTUDE EGOÍSTA

Para iniciar esse tópico é preciso definir alguns conceitos chaves que fazem parte da Ética Objetivista, deste modo, a Moralidade para Rand é um “código de valores que orienta as escolhas e as ações do homem” (RAND, 1991, p. 20), tendo em vista que essas escolhas e ações são diretamente responsáveis pelos rumos que determinarão a vida do indivíduo. E “A Ética como ciência, trata da descoberta e da definição deste código” (ibidem, p. 20).

Assim segue que, o valor só faz sentido quando pressupõe a vida, e a vida é uma constante busca de valores, só humanos elaboram juízos do que seja bom ou mau para sua sobrevivência. Aquilo que ameaça a vida é o mal, o que a promove é o bem, ou seja, o padrão de valor de um organismo é sua Vida. No seu livro *A revolta de Atlas* ela define:

‘Valor’ é aquilo que se age para ganhar ou conservar; ‘virtude’ é o ato por meio do qual se ganha ou se conserva o valor. ‘Valor’ pressupõe um padrão, um objetivo e a necessidade de ação em oposição a uma alternativa. Onde não há alternativas não pode haver valores. (RAND, 2017, p. 1055)

Segundo a autora, só organismos vivos precisam sustentar sua própria existência. Fisicamente a dinâmica do organismo vivo é estar sempre se autogerando e buscando meios para sobreviver repelindo aquilo que vem para destruí-lo. A planta obtém alimento em seu *habitat* por meio das várias possibilidades naturais de sua existência. Também possui a capacidade de combater situações adversas, é um processo automático, elas não têm escolhas, mas todo esse processo mesmo automático funciona para a preservação de sua vida. Os animais têm atribuições ainda mais complexas que as plantas, com capacidade de percepção aguçada, mas sem

possibilidade de escolhas, eles estão sempre tentando preservar suas vidas. É como se as plantas e os animais já tivessem embutido em si uma programação que os guiam automaticamente na defesa da autopreservação. Mas, “o homem não tem um código automático de sobrevivência. Ele não possui um curso automático de ação, nem um conjunto automático de valores” (RAND, 1990, p. 28). A sobrevivência do homem depende inteiramente de sua capacidade de conhecer e conceituar, contudo esse processo não é automático. Logo, para Rand, a faculdade da razão é responsável por esse trabalho através do processo do pensamento. Por consequência, o homem é compelido a pensar, criar meios para produzir artefatos que os ajudem a sobreviver, mas não só sobreviver, construir uma vida satisfatória alcançando a felicidade sem contradição. À vista disso, é preciso um código moral bem definido, levando em consideração as premissas acima, para guiar os homens nas escolhas mais adequadas que farão parte da estruturação de suas vidas.

Porém, segundo Ayn Rand, a moralidade vigente não condiz com a natureza humana. Esta moral altruísta da coletividade esbarra na questão da sobrevivência do indivíduo ou na autopreservação de sua existência. Ela confronta a tradição moral religiosa do “bem comum”, assim como a tendência filosófica de pensar uma ética voltada para o “outro” como padrão de medida comportamental. E é neste sentido que Rand se torna audaz e por vezes polêmica.

Dito isto, Ayn Rand afirmava que a humanidade estava passando por uma crise moral, um momento de colapso da moralidade estabelecida há muito. Quase que uma “entropia” do código de comportamento proposto por motivos religiosos, também filosóficos, e colocados em prática sem investigação racional, mas sempre baseados em caprichos emocionais e crenças arbitrarias sem qualquer tipo de relação com a realidade dos fatos. E por isso, em algum momento iria chegar ao caos, pois tudo que é baseado em caprichos humanos e não na racionalidade conceitual vai entrar em contradição com a realidade. Segue que, segundo ela:

O altruísmo declara que qualquer ação praticada em benefício dos outros é boa, e qualquer ação praticada em nosso próprio benefício é má. Assim, o beneficiário de uma ação é o único critério de valor moral -- e contanto que o beneficiário seja qualquer um, salvo nós mesmos, tudo passa a ser válido. (RAND, 1991, p 16)

Porém, o homem como um ser orgânico, que não possui um código moral automático de sobrevivência e é totalmente regido por escolhas individuais que preservam sua vida, não pode deixar de agir para a promoção de sua existência, pois assim estabelece-se uma contradição. A realidade factual demonstra que se o homem não reage aos estímulos externos para se preservar, ele acaba sucumbindo à morte, à não existência. O fato da moral altruísta estabelecer o outro como critério de valor confirma que seus desígnios são baseados em irracionalidade, impulso e arbitrariedade.

#### **4.1 Egoísmo**

Quando ouvimos ou falamos a palavra “egoísmo”, comumente tendemos a interpretar negativamente em qualquer contexto em que ela esteja inserida. Não foi à toa que Rand escolheu essa palavra. Segundo a filósofa, foi na ética altruísta que essa imagem negativa foi gerada. Pois, a ética altruísta apresenta o princípio de que

qualquer preocupação com interesses próprios é má, sendo assim entende-se que o egoísmo é mau, neste sentido ela afirma:

No uso popular, a palavra “egoísmo” é um sinônimo de maldade: a imagem que invoca é de um brutamontes homicida que pisa sobre pilhas de cadáveres para alcançar seu próprio objetivo, que não se importa com nenhum ser vivo e persegue a recompensa de caprichos inconsequentes do momento imediato. Porém o significado exato e a definição do dicionário para a palavra “egoísmo” é: preocupação com nossos próprios interesses. Este conceito não inclui avaliação moral; não nos diz se a preocupação com os nossos próprios interesses é boa ou má; nem nos diz o que constitui os interesses reais do homem. (RAND, 1991, p. 14)

Pois bem, sendo o egoísmo a preocupação com os próprios interesses, esses interesses baseados na racionalidade, se entendem que serão sempre compatíveis com seu contexto real de vivência, pois tudo que entra em contradição com a vida não é auto-interesse e sim autodestruição. Estar consciente de sua realidade natural, pensar de acordo com isso é procurar uma vida adequada.

Fraudar, roubar, agredir, são significados atribuídos à palavra egoísmo, contudo, Rand afirma que esse tipo de comportamento não é conciliável com o auto-interesse racional que o homem precisa ter a longo prazo. É óbvio que para se manter vivo os homens precisam uns dos outros em um modo de cooperação. Sendo assim, aqueles comportamentos não conservam a vida, mas a destroem gradativamente. É preciso respeitar o outro como seu possível negociador, a troca daquele que produz e aquele que precisa do seu produto, ou vice e versa. “Egoísmo não deveria ser confundido com *hedonismo* -- perseguir prazer imediato sem pensar nas consequências” (BUTLER, 2019, p. 61).

O auto-interesse pregado por Rand é baseado na premissa de que o homem tem a capacidade cognitiva de escolher pensar e usar esse processo da razão para criar, a partir da realidade, meios adequados e conscientes para seguir o foco de gerir sua vida, sempre produzindo e negociando respeitosamente com o outro. Se não houver esse processo de escolha da razão o sujeito vai ser gerido por caprichos e emoções que os levarão à autodestruição.

Então,

O princípio básico da ética objetivista é que, assim como a vida é um fim em si mesma, assim também todo ser humano vivo é um fim em si mesmo, não o meio para os fins ou o bem estar dos outros - e, portanto, que o homem deve viver para seu próprio proveito, não se sacrificando pelos outros, nem sacrificando os outros para si. Viver para seu próprio proveito significa que o propósito moral mais alto do ser humano é a realização de sua própria felicidade. (RAND, 1991, p. 37).

Assim, egoísmo se torna um comportamento de natureza fundamental para que o ser humano aja de acordo com a sua realidade biológica e psíquica, ou seja, biologicamente o organismo tende a estar sempre alerta a ameaças externas que atentem contra sua vida, psicologicamente o indivíduo precisa se reconhecer como autor de sua própria trajetória para atuar com interesse por si de forma a moldar e seguir o melhor código de conduta possível, aquele que vai racionalmente traçar escolhas adequadas com sua realidade e assim preservar sua existência.

## 4.2 Conflitos de interesses

Segundo Ayn Rand não há conflitos de interesses entre pessoas racionais, e para explicar isso ela parte do princípio de uma pergunta que é feita em relação a essa afirmação. A pergunta é: não há conflito de interesses quando dois homens se candidatam à vaga para um emprego, mas só um pode ser empregado? A partir disso, ela argumenta que essa pergunta não leva em consideração quatro proposições que se relacionam entre si para justificar sua tese: realidade, contexto, responsabilidade e esforço.

### 4.2.1 Realidade

Os “interesses” de um homem dependem do tipo de meta que escolha buscar; sua escolha de metas depende dos seus desejos, estes dependem dos seus valores -- e, para um homem racional, os valores dependem do juízo de sua razão. (RAND, 1991, p. 66)

Os interesses de um indivíduo precisam estar relacionados com sua realidade, ou seja, é preciso conhecer e interagir com sua realidade para que se possa, a partir do uso da razão, discernir se os objetivos, desejos e metas são bons ou possíveis. Os desejos não são um critério de validação para guiar as metas e interesses de um homem. Desejar algo e não conseguir não significa que os “interesses” de um homem foram sacrificados. O fato de se desejar algo não garante que aquilo que se deseja seja ideal, achar que o que se deseja pode ser alcançado independente de sua contradição com a realidade é uma visão subjetivista dos valores.

De acordo com a autora, a pessoa racional não pode ser guiada pela fé, desejos e emoções, sem nenhum tipo de critério. As justificativas “porque eu quero” ou “porque eu tenho vontade” não tem validade alguma. Além disto, o ser racional valida suas metas e verifica seu desejo por meio do processo do pensamento, assim, ele extingue qualquer contradição que haja. Rand afirma que quando se declara, “os interesses do homem se conflitam com a realidade, o conceito ‘interesses’ deixa de ser significativo -- e o problema deste deixa de ser filosófico e se torna psicológico” (RAND, 1991, p. 68).

### 4.2.2 Contexto

O homem racional não dispõe de interesses fora de seu contexto, ao mesmo tempo em que não constrói predileções que fujam dos termos de toda uma vida e que se dissociem de sua realidade. Isso não significa que ele seja imbatível, porém, ele pensa sua vida de forma coerente e a longo prazo, isso garante o mínimo de estabilidade para uma vida adequada.

Nesse sentido, pelo bom uso da razão, o homem não se apega a desejos separados dos meios que dispõe, bem como não alimenta sonhos que não fazem a menor ideia de como alcançá-los.

Dado que sabe que a natureza não provê o homem de satisfação automática dos seus desejos; que as metas e valores de um homem devem ser conquistados pelo seu próprio esforço; que a vida e esforços de outros homens não são sua propriedade e não estão lá para servir aos seus desejos -- um homem racional não tem um desejo

ou busca um objetivo que não possa ser alcançado direta ou indiretamente por seu próprio esforço. (RAND, 1991, p. 68)

Analisar e mensurar se as metas e desejos que se tem encaixam no contexto de vida, assim como entender os caminhos e diretrizes para alcançar tais metas devem ser o foco do indivíduo. O fato de distorcer a realidade e agir pela irracionalidade acarreta o caos das relações entre os homens e, segundo o objetivismo, esse é um caminho suicida. Sendo assim, para se alcançar algum grau de satisfação é preciso negociar com aqueles que são racionais. Mesmo assim, não há garantias de que se terá vitória, contudo, somente a razão pode abrir o caminho às possibilidades mais coerentes para se chegar ao destino desejável, sem abandonar o contexto das demandas que se lidam. Em uma sociedade livre, a razão é sempre o guia, assim sendo, tem-se a clara compreensão de que as derrotas estão inclusas no caminho logrado para alcançar valores, apesar disto, não se limita a medir suas vitórias pelos seus fracassos nem o contrário.

### **4.2.3 Responsabilidade**

Neste ponto, Ayn Rand refere-se à responsabilidade intelectual, ou seja, a responsabilidade de pensar o social. A questão dessa responsabilidade se encontra na aparente fuga dos indivíduos na construção do mundo, isto é, o fato das pessoas presumirem que o mundo já está construído e acabado. A partir disto agirem como se existisse sempre “alguém” que seja responsável pelos meios para sua sobrevivência, como se o encargo de ação pelas coisas seja sempre delegado a outro.

Considerar o mundo como dado, isenta o indivíduo de sua parte na construção do mundo. E essa falta de compromisso com as demandas da existência gera o que a autora chama de “humildade metafísica”. Assim, o mundo “dado e concluído por outros” deve sempre algo para o indivíduo conseguir sobreviver.

Alguns exemplos deste comportamento é dado por Rand, como aquele sujeito que deseja um emprego, mas não se preocupa nas qualificações necessárias para tal; aquele homem que quer ser rico, mas não reflete sobre os meios para se chegar à riqueza; há ainda aqueles pais que sofrem, pois seus filhos não os amam, porém, nunca pararam para pensar o porquê isso aconteceu. Consequentemente, se colocam no lugar de vítimas, já que não se responsabilizam em julgar o mundo social em que vivem e se isentam de sua construção.

### **4.2.4 Esforço**

O homem racional entende que os empregos, as riquezas, os valores humanos não existem em uma quantidade ilimitada, dada. Sabe-se que tudo é uma construção galgada cotidianamente e que é preciso produzir meios, construir o tempo todo. As coisas não surgem do nada, “não se vive por meio de ‘sorte’, ‘chances’, ou favores” (RAND, 1991, p. 72). As coisas devem ser obtidas através do esforço, e mesmo que na busca se encontre competição é preciso enfrentá-las de frente ou procurar outra forma de obtê-las.

“No mundo real e objetivo, se existe um vencedor, é porque existe um perdedor, este verdadeiramente nunca poderia ter o que o vencedor obteve” (XAVIER, 2019, p. 104). Os homens de conduta duvidosa compreendem a competição como ameaça,

pois não esperam ganhar, ou alcançar objetivos por esforços próprios, sendo assim, se enxergam como figuras substituíveis em um mundo dado e sem sentido, segundo a autora.

Em síntese, a filósofa quer expressar que, os conflitos de interesses só existem na visão distorcida de homens irracionais, que não possuem conhecimento de sua realidade factual, nem conhece o contexto de sua vida, muito menos têm responsabilidade em julgar o seu mundo social e, por fim, não entendem que nada no mundo é dado e acabado, mas sim está sempre em constante construção e precisa do esforço humano.

## **5 DIREITOS INDIVIDUAIS E UMA SOCIEDADE LIVRE**

O código de ética que dominou a história humana foi o tribal, onde o indivíduo era subordinado a uma autoridade superior (há variações dessas autoridades, reis, deuses etc.), esotérica ou social. Neste ponto, também se origina a sociedade como uma entidade à parte, sendo o indivíduo um membro sem qualquer direito compondo essa sociedade. Contudo, os indivíduos deviam respeito a uma moral altruísta-coletivista, caracterizada pelo auto-sacrifício em nome da sociedade que vivia. Porventura, essa sociedade era colocada acima da lei moral que regia os membros, com o pretexto de conservar a existência do homem na terra. A autora expõe como alguns exemplos, a teocracia do Egito, a inquisição da Idade Média, a monarquia absoluta da França, as câmaras de gás da Alemanha nazista, entre muitos outros.

Sendo a sociedade um agrupamento de indivíduos, se entende que não faz sentido pensar “sociedade” como uma entidade à parte, se considerada assim explica-se o poder de uma minoria que se isentava da lei moral. Ou seja, o poder concentrado em um ou num pequeno grupo que exigia obediência sob a narrativa de que “o bem é aquilo que é bom para a sociedade (ou para tribo, a raça, a nação), e os decretos dos soberanos são sua, voz na terra (RAND, 1991, p.119). O “poder” se concentrava nas mãos de alguns, que se mantinham isentos da lei moral, imposta para manter a subordinação dos membros.

Todavia, os sistemas políticos estatistas que comungavam das mesmas expressões ética altruísta-coletivista, partilhavam de uma característica fundamental, a de colocar a sociedade acima da lei moral, tornando-se uma sociedade amoral.

Ayn Rand destaca que os Estados Unidos da América foi o grande precursor da inversão de subordinar a sociedade à lei moral. Assim sendo, garantindo os direitos individuais e limitando o estado a protetor desses direitos.

Todos os sistemas anteriores haviam considerado o homem como um meio de sacrifício para os fins de outro, e a sociedade como um fim em si mesma. Os Estados Unidos consideraram o homem como um fim em si mesmo, e a sociedade como meio para coexistência pacífica, metódica, voluntária, dos indivíduos (RAND, 1991, p. 120).

### **5.1 Individualismo**

O individualismo é um conceito central no sistema objetivista, é entendido como ético-político e ético-psicológico. No primeiro se pensa a “supremacia dos direitos individuais, o princípio de que o homem é um fim em si mesmo” (BRANDEN, 1991, p.169), o segundo caracteriza o indivíduo como soberano de seu próprio intelecto,

tendo assim total poder de pensar e julgar por si mesmo. O individualismo por vezes é apresentado como “fazer o que se deseja, independentemente dos direitos dos outros”, segundo a autora, interpretar o individualismo desta forma interessa aos altruístas e coletivistas. Para rebater esse argumento é dito que

Já que a única base racional do individualismo como princípio ético são os requisitos da sobrevivência do homem *qua* homem, este não pode reivindicar o direito moral de violar os direitos de outro. Se nega direitos invioláveis a outros homens, não podem reivindicá-los para si mesmo; ele rejeitou a base dos direitos. Ninguém pode reivindicar direito moral a uma contradição (RAND, 1991, p. 170).

Nesta perspectiva, o individualismo não é a mera rejeição de uma coletividade, é a convicção, de que, se precisa assumir a responsabilidade com sua existência, sustentando sua vida com conhecimento, esforço, objetivos e metas bem traçadas, mas aquele que sobrevive conquistando as custas da exploração, do charlatanismo e trapaça não é um individualista. Rand afirma que um individualista prima pelo uso da razão, do conhecimento e bom trato nas relações humanas, nas trocas, no comércio. Qualquer outro tipo de “individualismo” proposto é uma deturpação do original, e uma tentativa de confundir o individualismo com o subjetivismo.

### **5.1.1 Direitos Individuais**

No objetivismo se entende que uma sociedade livre é uma sociedade que respeita os direitos dos indivíduos, sendo direitos;

Um princípio moral que define relacionamentos sociais corretos. Assim como um homem precisa de um código moral para sobreviver (para agir, para escolher as metas certas e alcançá-las), também a sociedade (um grupo de homens) precisa de princípios morais a fim de organizar um sistema social harmonioso com a natureza do homem e com suas exigências para sobreviver (RAND, 1991, p.128).

Entende-se que os direitos individuais derivam de um direito fundamental: o direito de um indivíduo à sua própria vida. Pois, a vida como um movimento independente e autônomo necessita de liberdade de ação e de escolha sempre com o uso da razão, para assim decidir as formas mais coerentes de promover sua felicidade.

Desta forma, o direito à vida pressupõe a necessidade de meios pelos quais se sustente e sobreviva a partir do próprio esforço e isso requer o direito à propriedade. Se o indivíduo não puder ser dono de seu próprio produto, ele também não terá como sustentar sua sobrevivência. Segundo Rand, a fonte dos direitos é a própria natureza do homem, isso significa que ele tem direito à ação de conseguir produzir ou ganhar o objeto pelo qual se esforçou para tal. Ou seja, não garante a obtenção de propriedade sem qualquer esforço produtivo para se ter, o que é garantido é o direito à ação.

Esses direitos individuais, entende-se, que pode ser violado pelo uso da força física, e só por ela se pode também roubar, impedir que um indivíduo consiga agir pelo uso da razão, escravizar. À vista disso, excluir o uso da força física das relações sociais é uma condição para uma sociedade civilizada, por conseguinte

estabelecendo o pressuposto de que é preciso negociar uns com os outros apenas com o uso da razão através da discussão, persuasão e acordo voluntário, não-coagido.

Neste contexto, o único sistema social que é compatível com os direitos individuais, segundo Rand, é o capitalismo. Referindo-se a um sistema social como “um conjunto de princípios moral-político-econômicos encarnados nas leis, nas instituições que regem uma sociedade” (RAND, 2012, p. 22) ela encaixa o capitalismo nestes termos. Sendo assim, o capitalismo reconhece os direitos individuais, bem como os direitos de propriedade e esses aspectos são fundamentais para o livre comércio, a liberdade de ação e de pensamento. Na sequência, o reconhecimento dos direitos individuais também contribui para a exclusão do uso da força física nas relações humanas. E é o governo o responsável por impor certas regras de conduta social que são acordadas voluntariamente pelos indivíduos que compõem essa sociedade.

### **5.1.2 Sociedade livre**

Segundo a autora, o ser humano tem dois traços primários: a racionalidade e a necessidade. Isso acarreta a busca por suprir as necessidades, usando de seu recurso mais valioso que tem, a razão. Apesar disto, não significa que o indivíduo viverá ou se desenvolverá isoladamente, longe disso, se sabe através da história que viver em sociedade promove mais vantagens e segurança. Viver em sociedade possibilita ao homem racional se beneficiar de várias formas possíveis, dentre elas adquirir conhecimento e comercializar. Só em sociedade é possível que o indivíduo atue em um trabalho ou produto específico ao qual tem habilidade ou se esforça para tal, assim como outros que focam em campos diversos, dessa maneira criando uma rede de cooperatividade em que todos se beneficiam.

A divisão do trabalho, que só é possível em sociedade, proporciona uma eficácia e uma produtividade que não poderiam ser conquistadas isoladamente. O quadro é inequívoco: todos os ganhos sociais são conquistados por meio de ações individuais e egoístas de seus cidadãos, pois é a partir da necessidade de suprir os próprios anseios que se funda a sociedade, Os indivíduos se unem a outros indivíduos em prol das vantagens individuais e particulares possibilitadas por essa união, uma vez que, conforme aponta Ayn Rand, um ambiente social é muito mais proveitoso para seu sucesso. (XAVIER, 2019, p. 167)

Em razão disto, se faz necessário um governo que proteja os direitos de cada indivíduo que componha essa sociedade, como já foi dito. Ele nasce como guardião, com o objetivo de usar a força na coibição de qualquer interrupção da ordem social acordado “por um pacto estabelecido por indivíduos egoístas e racionais” (XAVIER, 2019, p. 168). Compreende-se, neste sentido, que os indivíduos não abrem mão de seus direitos por proteção, mas institui um governo para proteção deles.

Rand compreende que os homens viveriam em constante perigo, enfrentando conflitos caóticos, se ficassem sob o livre julgamento no uso da força retaliativa. Visto que, apesar da natureza do homem dispor do uso da razão, ela é um processo dinâmico deliberativo, ou seja, aquele que não escolhe pensar (que é o processo do uso da razão) não segue nem um código específico de conduto, ou segue códigos

que não se encaixam em sua natureza, e com isso usa de violência física ou psicológica para alcançar seus objetivos. Assim, o Estado é criado e só ele pode usar a força para estabelecer ordens especificamente definidas pelos governados, pois é preciso regulamentar essa instituição de maneira coerente sem margem para que ela atue além do limite dos direitos individuais. Desta feita, “ao estado é delegado o poder do uso retaliativo da força, desde que sob controle objetivo, e por imposição normativa que não deixe margem para ambiguidade” (XAVIER, 2019, p. 169).

## 6 CONCLUSÃO

A filosofia de Ayn Rand desperta reflexões importantes sobre aspectos políticos, econômicos e sociais. O fato de pensar o homem sem características sobrenaturais, entender as relações humanas com objetividade, destoa das filosofias mais clássicas. Suas acepções são por vezes contumazes, o que pode parecer muita autoconfiança, e é, já que ela declara a autoconfiança e o orgulho como uma qualidade do homem racional. Neste sentido, Rand radicaliza no discurso propositadamente, ela pretende com isso chocar os leitores, e fazê-los pensar de uma forma afiada. De certo que seu sistema, como tantos outros, contém falhas e contradições, contudo, o intuito do trabalho não foi apontar falhas e sim apresentar seu sistema.

O sistema objetivista da Rand compreende o ser humano como um ser orgânico, dotado de atributos naturais, que os coloca em uma instância um pouco diferente de outros organismos naturais. Dispomos de uma mente consciente que fica ciente da realidade, incorpora características do mundo e conceitua, abstrai e, pelo processo do pensamento, racionaliza a existência. Neste sentido, o indivíduo, sendo o único responsável por sua sobrevivência, busca diariamente se manter vivo, sendo o homem dotado de racionalidade, diferente dos animais que possuem um código automático de ação para sobrevivência, o homem precisa o tempo todo construir seus meios de sobrevivência com uso de sua mente dinâmica e pelo o uso da razão. Nessa perspectiva, pensar um código moral que se adeque ao homem e à sua natureza primordial é, segundo a autora, a razão e a necessidade.

Na sequência, esse código precisa respeitar a individualidade e a liberdade do ser humano para que ele possa usar da racionalidade e encontrar seu caminho, aquilo que lhe traz felicidade sem contradição. O egoísmo racional, como sendo a busca pelos próprios interesses, insere o indivíduo no âmbito dos direitos individuais que, para Rand, é o único princípio que possibilita uma sociedade livre. Contudo, para ela, só o capitalismo pode fornecer a possibilidade de esta sociedade ser possível.

Ayn Rand considera o capitalismo como um sistema social, isto é, uma estrutura política. É bem comum se entender o capitalismo apenas como um sistema econômico, e em vários aspectos demonizado como um sistema cruel. Porém, para Rand, o capitalismo é um sistema que, se praticado no seu sentido original (*laissez faire*), atende aos aspectos de uma sociedade livre, pois respeita as liberdades individuais, protege a propriedade privada, responde ao livre comércio, o que para a autora é a essência das relações humanas: o comércio.

Deste modo, o objetivo deste artigo foi traçar um caminho coerente e apresentar (sem nenhum tipo de opinião ou crítica pessoal), ainda que de forma sucinta, mas com provocações suficientes para refletirmos filosoficamente sobre o sistema objetivista da filósofa Ayn Rand. Assim, estimular a apreciação dessa filósofa que apresenta certas peculiaridades em suas ideias, incentivar a procura da pesquisa daquilo que não está no cânone dos currículos, a busca e a acolhida pelo que é tido

como diferente. Isso ajuda a abranger, abrir leques e talvez entender o mundo por outras perspectivas.

## REFERÊNCIAS

ARI. Ayn Rand Institute. **Descobrir Ayn Rand**. Disponível em: <https://aynrand.org>. Acesso em: 16 de setembro de 2021.

BUTLER, Eamonn. **Liberdade é prosperidade: A filosofia de Ayn Rand**. Tradução de Matheus Pacini. São Paulo: Faro Editorial, 2019.

MARKS, Larisse. **O Egoísmo como Virtude, um estudo da vida e obra de Ayn Rand**. Porto Alegre, RS. Editora Fi, 2014.

OBJETIVISMO. **Objetivismo**. Página inicial. Disponível em: <https://objetivismo.com.br/>. Acesso em: 28 de setembro de 2021

RAND, Ayn. **A virtude do egoísmo**. Traduzido por On Line-Assessoria em Idiomas; revista por Winston Ling e Cândido Mendes Prunes. - Porto Alegre: Ed. Ortiz/IEE, 1991.

RAND, Ayn. **Capitalismo: El ideal desconocido**. Traducción de Luis Kofman. Buenos Aires: Grito Sagrado editorial, 2012

RAND, Ayn. **A revolta de Atlas**. Tradução de Paulo Henrique Brito. São Paulo: Arqueiro, 2017.

RAND, Ayn. **A Nascente**. Tradução: Márcio Stockler. Campinas, SP: Vide Editorial, 2019.

XAVIER, Dennys Garcia (org.). **Ayn Rand e os devaneios do coletivismo**. São Paulo: LVM Editora, 2019.

## AGRADECIMENTOS

A todos os professores da graduação por oferecerem tanto conhecimento com empenho e disponibilidade.

A minha Orientadora, Professora Simone Marinho, que foi uma fonte de sabedoria, cumplicidade, e por oferecer tantas oportunidades que eu não teria se não fosse por ela.

Ao meu marido, por ter paciência, amor, e ter me dado suporte para poder estudar sem me preocupar com nada.

A minha amiga fiel Deisy que desde o primeiro dia de aula esteve comigo em muitas aventuras e desventuras, ela foi um grande suporte para mim.

A minha Família por entender os momentos de ausência e por me dar forças para continuar.

Enfim, aos professores Írio e Otacílio por ter me disponibilizado tanto conhecimento, por ter empatia no ensino, e por serem tão atenciosos.  
Gratidão por todos.